

CONTRA AS DEMISSÕES

Sindicato para agências do Itaú e do HSBC em Copacabana

Cerca de 20 unidades dos dois bancos permaneceram fechadas durante todo o dia, inclusive as do Itaú, que funcionam com horário estendido de atendimento

FOTOS: NANDO NEVES



FOTOS: ROBSON MONTE



Funcionários do Itaú pararam 16 agências em Copacabana em protesto contra as demissões e o horário estendido de atendimento

No HSBC, os bancários protestaram contra as extinção de setores e a dispensa de funcionários



Diretores do Sindicato durante a paralisação no Itaú

Os bancários pararam 16 agências do Itaú e quatro do HSBC em Copacabana. A atividade é mais um protesto do Sindicato contra as demissões nos bancos. Os sindicalistas criticaram também o horário estendido imposto pelos banqueiros.

Nas quatro agências do Itaú na Avenida Atlântica, os bancários denunciaram ao Sindicato a falta de segurança, problema que se agrava com o horário estendido imposto pelo banco.

“Os funcionários reclamam que há muitos pivetes e moradores de rua e é grande o risco de assalto. Com o horário estendido de atendimento, o medo dos bancários é ainda maior. Na última quarta-feira (8) uma pessoa foi furtada. Nem mesmo o posto da Guarda Municipal inibe os marginais. O Sindicato vai denunciar o problema à polícia”, disse o diretor da entidade José Carlos Pereira. Mais detalhes na página 4.

Confira no site do Sindicato (www.bancariosrio.org.br) a galeria de fotos da paralisação nos dois bancos.



Dirigentes sindicais numa das quatro unidades do HSBC que não funcionaram

BANCO DO BRASIL

Protesto contra retaliação a grevistas

Sindicato realiza ato em agência de Vila Isabel, onde funcionários que aderiram à greve do último dia 30 de abril foram obrigados a assinar “termo de ciência de desvio de conduta”.
Página 2.

FEIRÃO DA CASA PRÓPRIA

Sindicato cobra hora extra na Caixa

Sindicato quer garantir o pagamento das horas extras para os empregados da Caixa Econômica Federal que vão trabalhar neste final de semana, no feirão da casa própria, no Rio.
Página 2.

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Abolição da escravatura e o racismo atual

Artigo do presidente do Sindicato, Almir Aguiar, fala da importância da igualdade racial nas lutas pela emancipação do povo brasileiro.
Página 3.

FEIRÃO DA CAIXA

Sindicato exige pagamento de horas extras

O Sindicato do Rio cobrou da direção da Caixa Econômica Federal uma reunião para tratar do trabalho dos empregados nos finais de semana, de 17 a 19 de maio.

Em função do feirão de imóveis do banco. “A empresa tem que encaminhar a listagem dos funcionários que irão trabalhar no feirão, conforme exigência legal. Além disso, temos que ficar atentos se a empresa vai pagar corretamente todas as horas extras”, afirma o diretor do Sindicato Enilson Nascimento. A pressão do Sindicato se justifica. Em anos anteriores, a Caixa, além de obrigar os bancários a trabalhar no final de semana sem comunicar ao Sindicato, negou-se a pagar hora extra aos empregados que possuem funções gerenciais, alegando que os mesmos são “cargos de confiança”.

“Não tem essa de cargo de confiança. A Caixa tem que pagar hora extra para todos os funcionários que trabalharem no final de semana. O bancário deixa de lado seu direito de descanso e convívio familiar para trabalhar nos feirões, e o mínimo que o banco tem que fazer é pagar o que a legislação garante ao trabalhador. Além disso, o banco paga uma fortuna de cachê ao ex-jogador da Seleção Brasileira Raí e na hora de pagar o trabalhador, que é quem garante o lucro da empresa, cria todo o tipo de dificuldade”, completa Enilson.

CIPA

Bancários do Citibank vão eleger Cipa

Os bancários da agência do Citibank, na Rua da Assembleia, 100, 2º andar, vão eleger seus representantes para a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) no próximo dia 24, das 9h às 18h, para o mandato 2013/2014.

É função do cipeiro zelar pelas boas condições do ambiente de trabalho, participar das reuniões, seminários e simulações de situações de sinistro instruídas pelo Corpo de Bombeiros. Deve também fiscalizar as condições de iluminação, a ergonomia do mobiliário e equipamentos. O cipeiro tem estabilidade de um ano durante sua gestão e outros 12 meses depois de terminado o mandato.

PELO DIREITO DE GREVE

Sindicato protesta contra assédio na agência Vila Isabel do Banco do Brasil

FOTO: NANDO NEVES



A figura do ditador volta a fazer parte das manifestações no BB. O Sindicato protestou contra a retaliação do banco aos bancários grevistas, na agência de Vila Isabel

O Sindicato realizou, na segunda-feira (13), um protesto em frente à agência Vila Isabel do Banco do Brasil contra a retaliação, a perseguição e o assédio moral impostos a funcionários da unidade após a paralisação do dia 30. O 13 de maio, data da assinatura da abolição da escravatura, em 1888, foi escolhida para lembrar que a sociedade repudia relações desumanas, arbitrarias, que reneguem direitos, como as que a diretoria do banco vem impondo ao funcionalismo.

Referindo-se aos fatos acontecidos na agência, depois da greve de 24 horas do dia 30, a diretora do Sindicato Rita Mota afirmou que há gestores que se utilizam de instruções normativas para impedir o legítimo direito de greve. “Usam estes regulamentos disciplinares para perseguir e intimidar funcionários que participaram de uma greve nacional legítima, aprovada em assembleia, cumprindo todas as exigências legais”, acrescentou. Murilo da Silva, também diretor da entidade, disse que o Sindicato não admitirá que o BB, através de expedientes administrativos, casse o direito de greve dos

funcionários, deflagrada para se contrapor a uma política que vem trazendo prejuízos às condições de trabalho e à remuneração.

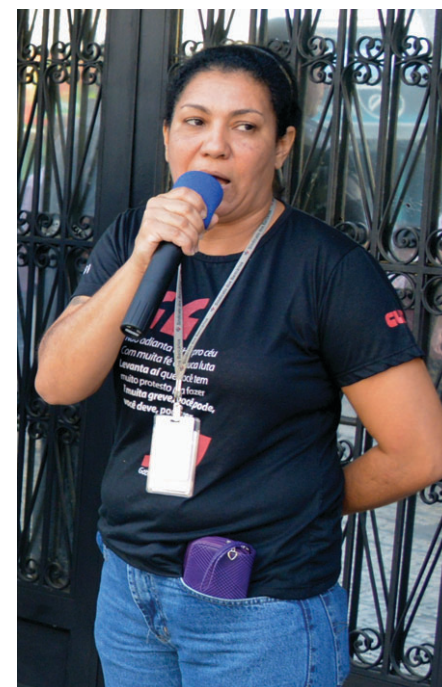
ORGANIZAÇÃO E LUTA

A vice-presidente do Sindicato, Adriana Nalesso, frisou a importância da organização dos funcionários para mudar esta realidade de desrespeito do BB. “A paralisação do dia 30 foi um passo na mobilização nacional, que irá se intensificar para forçar o banco a negociar o plano de funções e respeitar o funcionalismo”, disse.

A diretora da Secretaria de Bancos Públicos do Sindicato Luciana Vieira argumentou que o Banco do Brasil, uma empresa pública, deveria servir de referência aos demais na questão de gestão de pessoas. “Mas tem imposto uma política excludente e assediadora. O BB desrespeita acordos assinados, funcionários e sindicatos. Vamos continuar denunciando, gritando cada vez mais forte, até que nos escutem e parem com esse autoritarismo”, afirmou.

Durante a manifestação, um esquete da Cia. de Emergência

Teatral criticou de forma bem humorada o comportamento do banco. Traçou um paralelo entre a situação dos funcionários e dos escravos. Uma atriz carregava uma placa com os dizeres “Escrava Isaura, quem diria, foi parar no Banco do Brasil”.



Luciana Vieira criticou a política assediadora e excludente da direção do banco

ESCÂNDALO ANUNCIADO

Cabral gasta R\$1,2 bi do contribuinte para entregar Maracanã de bandeja a Eike Batista

FALA PRESIDENTE

Não há emancipação do povo sem igualdade racial



Comemorar a Abolição da Escravatura (13 de Maio de 1888) é antes de tudo uma oportunidade de refletir criticamente a nossa formação étnica e cultural e debater o país que queremos no futuro. Este debate interessa não somente aos negros, mas é responsabilidade de toda a sociedade brasileira.

A historiografia oficial, por exemplo, sempre colocou negros e índios em segundo plano. Heróis negros e afrodescendentes que tiveram um papel fundamental na luta contra a opressão das elites, o imperialismo colonial e o *status quo* foram omitidos ou secundarizados todos esses anos nos livros didáticos. O brasileiro não conhece a sua verdadeira história, mas apenas a versão das elites brancas, europeias e católicas romanas que colonizaram o país. A versão dos oprimidos precisa vir à tona.

HÁ MUITO O QUE AVANÇAR

As políticas sociais dos governos Lula e Dilma abriram caminho para que mais negros pudessem sair da miséria absoluta, tendo acesso a direitos fundamentais, à universidade (cujo papel das cotas tem sido fundamental) e ao mercado de trabalho. Dados do IBGE mostram que a presença de negros e pardos no ensino superior dobrou de 2000 a 2010, e é cada vez maior o número de afrodescendentes nas chamadas classes médias. São dados importantes, fruto das lutas dos movimentos sociais, mas a desigualdade é ainda uma realidade latente quando comparamos salários entre negros e brancos com mesmo grau de escolaridade e quando verificamos que, na maior parte dos setores da economia, é raro negros e principalmente negras ocupando cargos de chefia e de direção.

BANCOS DISCRIMINAM

No setor bancário é explícita a discriminação racial. No setor privado os negros ainda são minoria nas funções de atendimento ao público. Poucos são os que conseguem chegar a funções gerenciais, e é quase inexistente a presença de negros na direção e nos cargos executivos do alto escalão. Vamos continuar denunciando essa anomalia nos bancos.

A categoria sempre foi receptiva a esta nossa luta. A igualdade de oportunidades e o fim de toda a forma de preconceito são bandeiras essenciais para tornarmos o Brasil justo e desenvolvido. E, em nosso país, a desigualdade tem cor.

Almir Aguiar – presidente do Sindicato dos Bancários do Rio

Justiça suspende privatização do estádio até que Ministério Público conclua investigação

Em boa hora a juíza Gisela Guida de Faria, da 9ª Vara de Fazenda Pública, suspendeu na última sexta-feira, dia 10, a privatização do Maracanã, cuja licitação foi ganha pelo consórcio formado pelas empresas Odebrecht, IMX e a norte-americana AEG. A decisão, que cabe recurso, vale até que seja julgada a ação do Ministério Público, que denuncia a falta de transparência e de licitude do processo de venda do estádio.



OBRA SUPERFATURADA

O orçamento inicial do Maraca era de R\$700 milhões. As obras superfaturadas do estádio custaram cerca de R\$1,2 bilhão, o que daria para construir três estádios como o Engenhão. Por causa de um valor similar, Cabral disse que o estado não tinha dinheiro para transformar os trens de subúrbio em metrô. E o pior: depois de gastar essa fortuna com o dinheiro público, pago pelo contribuinte, Cabral deu de presente o estádio para o seu amigo e empresário Eike Batista.

O estudo feito para montar o edital foi feito pela própria empresa de Eike. É uma das mais escandalosas privatizações da história do país.

Com um presente de natal antecipado, a concessionária vai pagar R\$5,5 milhões anualmente ao governo do Rio de Janeiro, por 33 anos, além de R\$ 594 milhões nas obras no entorno, com direito a explorar o estacionamento e tudo o mais que der para faturar. O grupo vencedor vai faturar mais de R\$6,3 bi com o presente. Em 12 anos a concessionária paga todo seu investimento. Os outros 21 anos serão de lucro limpinho.

Com a demolição do Maraca perdem o torcedor, todo o povo e a cidade. O *Jornal Bancário* cumpre o seu papel. Não vai se calar diante deste escândalo anunciado. O Maraca não é mais nosso. É deles: do Sérgio Cabral e do Eike Batista.

TURISMO

Ainda há vagas para passeio a Campos do Jordão

O sucesso da excursão a Campos do Jordão levou a Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer a realizar um novo passeio à chamada "Suíça Brasileira", de 3 a 5 de agosto. Romântica, charmosa, refinada, a cidade atrai milhares de turistas todos os anos em busca do

clima frio da montanha, excelente gastronomia e um bom papo ou a leitura de um livro em frente a uma aconchegante lareira. O pacote custa R\$560 por pessoa. Bancários sindicalizados e dependentes pagam R\$510 e pode ser parcelado em três vezes iguais.

Bancários param agências do Itaú em Copacabana contra demissões

Sindicato protesta também contra horário estendido. Banco compra Credicard, mas continua dispensando funcionários

Nesta quinta-feira os bancários do Itaú paralisaram 16 agências com horário estendido de Copacabana até as 19 horas em protesto contra o processo de demissões em massa e a mudança no horário de funcionamento, medidas que não se justificam já que o banco da família Setúbal vem apresentando lucros recordes a cada ano e se expandindo, comprando outros bancos e empresas. A manifestação faz parte de uma campanha nacional, com paralisações e manifestações de rua.

Segundo frisou a vice-presidente do Sindicato, Adriana Nalesso, a campanha vai continuar crescendo nacionalmente até que o Itaú aceite receber a Contraf-CUT e os sindicatos para uma negociação séria a respeito da suspensão das demissões e do horário estendido. No Rio de Janeiro já houve paralisações no Centro da Cidade, Tijuca, agências com horário estendido em shoppings e em Copacabana. A adesão em todas elas foi total, com o apoio dos clientes, insatisfeitos com a queda cada vez maior da qualidade do atendimento devido às demissões.

MUITO DINHEIRO E DEMISSÕES

Maior banco privado brasileiro, o Itaú continua se expandindo e dando mostras de que são injustificados e uma verdadeira covardia com os bancários



A vice-presidente do Sindicato, Adriana Nalesso, e a diretora Jô Araújo durante a paralisação do Itaú. Os sindicalistas cobraram do banco uma negociação com os funcionários

os cortes maciços de pessoal, a extensão de horário de funcionamento de agências que geram o aumento da sobrecarga de trabalho e, como consequência, do número de bancários que adoecem.

RESPOSTA ÀS DEMISSÕES

Paralisação atinge também agências do HSBC

Sindicato protesta contra a extinção de setores e a dispensa de mais de 20 funcionários em todo o país

FOTO: NANDO NEVES



PRESSÃO TOTAL - O Sindicato anunciou que novas paralisações poderão ocorrer, caso o HSBC não abra um canal de negociação com os bancários

O Sindicato do Rio realizou na quinta-feira, dia 9, um protesto em Copacabana contra as arbitrariedades do HSBC. A atividade aconteceu no bairro em uma ação conjunta que parou também as unidades do Itaú. Os bancários pararam por 24 horas todas as quatro agências do banco inglês no bairro, sendo três da Avenida Nossa Senhora de Copacabana e uma da Avenida Princesa Isabel, no Leme.

A manifestação é uma resposta do Sindicato à decisão do banco de extinguir, na última terça-feira (7), o setor de cobrança de dívidas, o *Swat Tim*. No país, foram dispensados mais de 20 bancários, cinco deles no Rio de Janeiro que trabalhavam no prédio do Searj, em São Cristóvão. Nem mesmo uma bancária em plena licença-maternidade escapou da política de demissões do grupo inglês. O objetivo do banco é terceirizar totalmente o setor.

NOVAS MANIFESTAÇÕES

Na avaliação dos sindicalistas, além de resultar em mais desemprego, a medida vai prejudicar os clientes, já que os terceirizados não conhecem tão bem o sistema quanto os bancários.

“Nós vamos realizar novos protestos até a direção do HSBC negociar com seriedade com os sindicatos. A empresa só sabe enrolar e jogar conversa fora. Novas paralisações poderão ocorrer, caso não haja a abertura de um diálogo do banco com os trabalhadores”, afirma o diretor do Sindicato Wanderlei Souza.

O lucro mundial do banco cresceu no último trimestre cerca de 50% em relação ao mesmo pe-

Nesta semana, comprou a Credicard, a mais antiga e conhecida emissora de cartões do país, por quase R\$ 3 bilhões. Pagou à vista.

O Itaú apresentou lucro líquido recorrente de R\$ 3,512 bilhões no primeiro trimestre, praticamente o mesmo (redução de 0,9%) em relação a igual período de 2012. Esse resultado representa uma rentabilidade anualizada de 19,1%. Mesmo assim, eliminou 708 postos de trabalho nos primeiros três meses do ano. No Rio de Janeiro, de 1º de janeiro a 30 de abril de 2013 demitiu 220 bancários. Com isso, já são 14.407 empregos cortados pelo Itaú desde março de 2011.

ENTREGA DE REIVINDICAÇÕES

Durante a paralisação no Rio de Janeiro, representantes do Itaú ligaram diversas vezes para a vice-presidente do Sindicato pedindo a suspensão da paralisação. Receberam como resposta que a mobilização seria mantida, pois faz parte de um movimento nacional contras as demissões, horário estendido, metas abusivas e assédio moral. “Queremos tratar destes temas o mais breve possível. E aproveitaremos para fazer isto durante a entrega da pauta específica ao banco, no próximo dia 15”, adiantou Adriana.

FOTO: ROBSON MONTE



APOIO POPULAR – Diretores do Sindicato explicam a cliente os motivos da paralisação. A população apoiou o protesto dos bancários

ríodo do ano passado, com um faturamento de 8,43 bilhões de euros.

“Os ganhos do HSBC comprovam que não há justificativa para extinguir setores e demitir trabalhadores. Mesmo com a crise na Europa, o banco teve um resultado extraordinário, e grande parte deste faturamento é fruto do trabalho dos bancários brasileiros”, destaca Wanderlei.